



A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA CLÍNICA GESTÁLTICA INFANTIL

Ana Fabrícia Vidal Parente¹ Tássia Lobato Pinheiro Belmino²

Resumo: A contação de histórias se faz importante por auxiliar as crianças no descobrimento e enfrentamento do mundo que as rodeiam, a partir da criação de um mundo simbólico, onde se pode experienciar os mais diversos sentimentos e situações. A partir desse dado, objetivamos no presente trabalho apresentar a contribuição da contação de história na clínica gestáltica infantil, utilizando-se, de pesquisa bibliográfica, de método indutivo. Como resultado concluiu-se que as narrações populares são um método bastante efetivo dentro da clínica gestáltica infantil, facilitando, dentre outros processos, a projeção, o contato e a awareness.

Palavras-chave: Contação. Histórias. Gestalt-terapia. Clínica infantil.

THE IMPORTANCE OF STORYTELLING FOR GESTALT CLINIC

Abstract: The storytelling becomes important for helping children to discover and face the world around them, by creating a symbolic world where you can experience the most diverse feelings and situations. From this data, we aim in this paper to present the contribution of storytelling in child clinical gestalt, using research literature, the inductive method. As a result it was concluded that the storytelling is a popular method but very effective in clinical gestalt of the child, being a helpful way among other processes the projection, introjection and contact.

Keywords: Storytelling. Stories. Gestalt therapy. Children's clinical.

Introdução

A contação de história é uma prática que acompanha o homem desde sua origem, como os desenhos em pedra na época das cavernas. Surgiram com o objetivo de passar às novas gerações, aspectos de toda uma cultura, como os mitos e tabus. As narrativas populares possuem características próprias e persistem até hoje, por tratarem de temas atuais como raiva, medo, dor, entre outros e permitir aos que ouvem, bem como aos que contam, experienciarem toda essa gama de sentimentos (BRITO, 2000).

Igualmente, a clínica gestáltica infantil, trabalha oferecendo a experimentação de

¹ Graduanda do curso de psicologia da Faculdade Leão Sampaio – aninhavparente@hotmail.com

² Professora especialista orientadora do curso de psicologia da Faculdade Leão Sampaio -tassia.pinheiro@gmail.com.

sentimentos a fim de trazer a consciência, condutas e sentimentos variados (ANTONY, 2010). Buscaremos a compreensão da importância dos contos infantis, e investigaremos sua importância no psíquico infantil, tendo como objetivo investigar suas contribuições para a clínica gestáltica infantil (ABRAMOVICH, 1991).

Sendo assim, a metodologia utilizada trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em fontes já publicadas sobre o tema, não ficando restrita apenas a livros, mas se expandindo para qualquer meio que possa oferecer um maior embasamento teórico.

A contação de história.

Origem

A contação de histórias é uma prática conhecida e apreciada por muitas crianças e até mesmo por alguns adultos. Quem não se lembra, em algum momento de sua vida, ter ouvido ou contado alguma história que lhe chamou atenção e lhe despertou determinado interesse?

Desde os primórdios da humanidade, quando a escrita ainda nem era desenvolvida, os homens já apresentavam suas histórias pelos mais diversos modos; os desenhos em pedras, na época das cavernas, são um exemplo. Também podemos lembrar aqui dos contos e mitos passados de geração em geração através da contação de pais para filhos; como as lendas indígenas, para explicações do surgimento do mundo ou de comportamentos ligados à natureza: chuva, eclipses, sol etc. (BRITO, 2000).

Alves (2007, p. 54), trás que: “[...] Os conhecimentos foram transmitidos através de uma longa cadeia de tradição oral. Mais tarde, muitas histórias e mitos foram coletados e transcritos, passando a fazer parte de uma literatura universal que atravessa todas as culturas”. No Egito encontramos papiros datados de 1700 a. C., pertencentes ao faraó Quéops, construtor da grande pirâmide do Egito, que já nessa época era admirador dos contos de fadas (BRITO, 2000). Surgem assim as histórias no imaginário popular, com o intuito de passar adiante aspectos da cultura social vigente, como conceitos, mitos e tabus ou, ainda, com a responsabilidade de repassar ensinamentos ligados à própria vivência de quem os contasse.

O primeiro a escrever sobre contos foi o escritor francês Charles Perrault (1628-1703), durante o século XVII, lançando o livro chamado de “Histórias ou contos de tempos passados” (BRITO, 2000, p.22). Nesse livro, o autor recolheu os contos que eram passados de forma oral,

de pai para filho, pelos camponeses e os reescreveu, retirando dos mesmos quaisquer sinais considerados mais hostis, como rituais pagãos ou ligados às questões sexuais. Assim, transformava, por exemplo, monstros que os camponeses tinham como mágicos, em fadas. Isso ocorreu especialmente pelo fato de ser burguês e se dedicar a “adocicar” os contos para atenderem aos ideais da corte francesa (BRITO, 2000).

Já durante o século XIX na Alemanha, os irmãos Grimm, como ficaram conhecidos Wilhelm (1786-1859) e Jacob (1785-1859) Grimm, também coletaram histórias narradas pelos camponeses e publicaram, em dois volumes, um livro intitulado “contos da Criança e do Lar”. Os Grimm eram filósofos e não tinham a pretensão de lançar um livro de contos voltado ao público infantil. Pretendiam somente estudar a língua alemã a partir de contos coletados pelos mesmos, recuperando a realidade histórica e folclórica do país. Assim os contos publicados tinham caráter bem mais próximo dos originais, mantendo nitidamente em sua estrutura cenas que continham temas fortes como violência, abuso sexual, estupro, mortes, exploração etc. Hans Christian Andersen (1805-1875). Também publicou um livro de título “Eventyr” que continha cerca de duzentos contos, colhidas no popular, porém foi com os seus próprios escritos que se destacou e ficou conhecido. Os contos de Andersen também continham temas fortes como o abandono, a morte, o amor não correspondido, etc. (BRITO, 2000).

No Brasil, as primeiras tentativas de produção de uma literatura voltada ao público infantil se deram juntamente com o nascimento de uma literatura que valorizava o nacional, em meados dos anos 70. Em seguida, vieram os contos da carochinha, as histórias em quadrinhos, etc., se destacando aqui o escritor Monteiro Lobato, que explorou conflitos ligados à aventura e que poderiam ser resolvidos de maneira positiva (CASTELO BRANCO, 2001).

A contação de histórias

Sobre o ato de narrar histórias, Brito (2000) nos diz que dependendo da forma como se conta uma mesma história, interferimos nas impressões que cada ouvinte terá. Por isso é tão importante conhecer o conto antes de narrar. É necessário que, anterior à contação, o narrador tenha o cuidado de ler a história, para que na hora de contá-la, não se atrapalhe ao pronunciar palavras com que ainda não esteja familiarizado, como o nome do personagem ou uma gíria usada por ele. Necessário também se faz que se obedeça à pontuação do texto, dando pausas nos lugares corretos, evitando interromper uma ideia que continuava na próxima página, por

exemplo, para não comprometer o significado do texto como um todo. E ainda, deve-se respeitar as modalidades de sua voz, levando do murmúrio ao berro dependendo do momento em que a trama se passe. O narrador tem que transmitir veracidade e motivar para que a atenção continue voltada à história, evitando descrições cheias de detalhes, para que não acabe invadindo a imaginação dos ouvintes e desprezando suas próprias criações simbólicas (ABRAMOVICH, 1991).

A autora acima, também nos chama atenção para dois pontos importantes: o primeiro é que a narrativa deve ser instigante, rica em seus detalhes, já que é a partir daí, que de fato, irão se estabelecer o fascínio e as identificações com o conto e com os personagens e o segundo é o risco de suprimir elementos dos contos que não acham adequados.

Sobre isso, nos trás Abramovich (1991) que:

A magia não está no fato de haver uma fada já anunciada no título, mas na sua forma de ação, de aparição de comportamento, de abertura de portas, na sua segurança [...] Cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda igualmente o conto [...] Ao adocicá-los, pasteurizá-los, ao retirar-lhes os conflitos essenciais, tirou também toda a sua densidade, significado e revelação (ABRAMOVICH, 1991, p.121).

Alguns contadores, enquanto narram, acabam por abolir ou substituir algumas cenas mais fortes, tais como morte, dor, violência etc., pois acreditam que amenizando esses contos estão fazendo benefícios aos ouvintes, não os fazendo deparar-se com conteúdos tão intensos. Walt Disney, por exemplo, adaptou vários contos e relançou-os de maneira bem mais adocicados (ABRAMOVICH, 1991).

Pode-se perceber que as mudanças nos contos estão fortemente relacionadas a aspectos culturais, sociais e religiosos da época em questão. Logo, Alves (2007) nos explica que essa mudança (da figura materna pela madrasta) se dá não somente pelo fato de a mortalidade na hora do parto ser grande nessa época, mas principalmente, pelo fato de os valores católicos estarem em alta, trazendo a representação da mãe como algo angelical, que deva ser preservado, não aceitando a depreciação dessa figura.

Deve-se entender, no entanto, que no momento em que são retiradas dos contos suas cenas mais marcantes, são retiradas também suas partes mais estruturantes, ou seja, aquelas que ofereceram um suporte ao leitor para trabalhar temas complicados para o mesmo, tornando bem mais difícil captar seus significados profundos e simbólicos. Assim, se o contador não se sentir à vontade para contar a história inteira, com todos os seus elementos; suas facetas de dor, crueldade, angústia etc.; presentes durante a narrativa é melhor que não a conte

(ABRAMOVICH, 1991; BRITO, 2000).

Ainda sobre a narração, talvez o ponto mais importante da mesma, é que não se deve, de forma alguma, explicar os contos para os ouvintes. Explicar às crianças os contos, destrói toda a fantasia e encantamento acerca dos mesmos. Muitas vezes, nem ao menos a criança entende o porquê do encantamento com a história, vindo a entender somente muito tempo depois. Se o adulto interpreta o conto para a criança, ela pode acabar antecipando uma fase do desenvolvimento dela, podendo depará-la com situações que ainda sejam muito difíceis de ser trabalhadas e resolvidas. Além disso, podem retirar da criança, a oportunidade de aprender, por ela mesma, a enfrentar a situações difíceis e sentir que por si só, conseguiu resolvê-las (BETTELHEIM, 2002).

A importância da contação de história no universo infantil.

As histórias são significantes e devem ser trabalhadas no universo infantil por auxiliarem as crianças no descobrimento e no entendimento do mundo que as rodeiam, dando a elas a oportunidade de experienciar situações, que muitas vezes são assustadoras e tenebrosas, ligadas a sentimentos que não conhecem e não sabem como lidar (CORSO; CORSO, 2009).

Os contos expõem às crianças diretamente com os problemas que fazem parte no universo humano, encorajando-as a experimentarem todos os sentimentos que possam surgir da narração. Abramovich (1991) diz que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1991, p. 17).

Logo, a partir da contação, as crianças ficam livres para experimentar sentimentos que são geralmente castrados, como os sentimentos de raiva, tristeza, dor e relacionados à temática da morte e do morrer (ABRAMOVICH, 1991). O que permite-lhes vivenciar livremente todos esses sentimentos é o simbólico.

Assim, por tornar favorável a afetividade, a simbolização possibilita que as histórias deem forma aos desejos e cedam seus cenários aos ouvintes, proporcionando o espaço adequado

para entrarem em contato com suas questões mais incertas, sendo possível negociar e renegociar seus significados (ALVES, 2007).

Outro ponto importante na contação de histórias é que a partir da identificação com os personagens, a criança terá a oportunidade de não se sentir só ou diferente dos demais diante da problemática vivenciada, mas ao contrário, se sentir pertencente e aceitar a si mesmo. Assim, ela tem a oportunidade de conseguir lidar melhor com suas questões mais significativas, sem que para isso coloque-se verbalmente, já que muitas crianças ainda não desenvolveram habilidades necessárias para a linguagem expressiva (CASTELO BRANCO, 2001).

De tal modo, podemos perceber claramente a importância da contação de histórias para o universo infantil contribuindo das mais diversas formas para a maturidade psicológica, ou seja, o conhecimento do significado da própria vida (BETTELHEIM, 2002), bem como no intermédio das relações, especialmente a terapêutica. Logo, para uma melhor compreensão dessa relação terapêutica, se faz necessário que apresentemos alguns conceitos da gestalt-terapia.

Gestalt-terapia

Histórico

A gestalt-terapia sofreu influência de muitos teóricos, entre eles podemos citar: Paul Goodman, Laura Perls, Isadore From, dentre outros, porém, a mais profunda influência vem daquele que é considerado o pai da gestalt-terapia: Frederick Perls. A história da Gestalt e a de Perls está intimamente ligada, acabando por se confundir em muitos momentos (GINGER; GINGER, 1995).

O primeiro contato de Perls com a psicologia se deu aos 33 anos, ao decidir começar a fazer análise. Foi imediatamente conquistado e decidiu tornar-se também um psicanalista. Neste mesmo ano tornou-se médico assistente de Kurt Goldstein, que pesquisava distúrbios perceptivos em pessoas com problemas cerebrais, a partir dos trabalhos da psicologia da Gestalt, dando-se aí também, seu primeiro contato com essa teoria (GINGER; GINGER, 1995).

Mesmo frustrado com a psicanálise, Perls ainda se intitulava psicanalista e alguns anos depois escreve o seu primeiro livro intitulado “Ego, Fome e Agressão: Uma Revisão da Teoria e do Método de Freud”. Este contempla conceitos como a importância do momento presente, o

contato direto e autêntico entre paciente e terapeuta. Mais tarde é lançado o livro Gestalt-terapia, escrito juntamente com Ralph Hefferline e Paul Goodman, separando-o de vez da psicanálise e fundando a abordagem denominada Gestalt-Terapia (GINGER e GINGER, 1995).

O self e o campo organismo/ambiente

A gestalt-terapia possui uma visão holística do homem, indissociando-o do meio onde vive. Para a mesma, não faz sentido falar sobre o organismo sem falar também sobre o ambiente em que este se encontra inserido, visto que tudo acontece nessa relação. Uma vez que:

Denominemos esse interagir entre organismo e ambiente em qualquer função o “campo organismo/ambiente”, e relembremo-nos de que qualquer que seja a maneira pela qual teorizamos sobre impulsos instintos etc. estamos nos referindo sempre a esse campo internacional e não a um animal isolado (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN,1997, p.42).

Assim, fica claro que somente a partir da interação organismo e ambiente é que podemos compreender a experiência, que não se dá em nenhuma das partes, mas é na interação entre os mesmos (POLSTER; POLSTER, 2001). Sendo assim, é importante compreender outro conceito da gestalt: o de self.

Perls et al., (1997, p.49) define o self como sendo: “A fronteira de contato trabalhando”, ou seja, o contato que se estabelece na fronteira organismos/ambiente. Essas respostas são variáveis de acordo com as necessidades orgânicas do indivíduo e dos estímulos oferecidos pelo meio. Assim, quando estamos dormindo o nosso sistema de respostas diminui visto que não precisamos atender a tantos estímulos do meio (PERLS, et al., 1997).

Para a Gestalt-terapia não existe um self individual já que é considerado o sistema de contato entre o organismo e o meio (PERLS, et al.,1997). Logo, o self tem dinâmica e funções próprias, que apresentaremos a seguir separadamente, a fim de uma melhor compreensão. Separemos então em quatro etapas: pré-contato, contato, contato final e pós-contato.

O pré-contato é a fase inicial. É nessa fase onde surgem os excitamentos em que fundo vai emergindo como figura, pedindo fechamento para as gestalten que estão abertas. Aqui o fundo será o corpo e, as figuras que irão emergir serão os estímulos do meio que despertaram sensações no interior da pele, se manifestando a nível fisiológico, logo, essas são manifestações do id (ROBINE, 2006).

A partir do momento em que a gestalt vai tomando forma, vai também energizando o fundo com os excitamentos, permitindo que as figuras surjam na fronteira de contato, podendo a partir das possibilidades oferecidas pelo meio, acontecerem as identificações e alienações. A essa fase se dá o nome de contato e nessa etapa o self está atuando na função de ego, ou seja, com as ações propriamente ditas como a assimilação e rejeição. A meta da fase do contato é a próxima fase, que é a do contato final (ROBINE, 2006).

No contato final, o self está voltado totalmente para a figura que emergiu, buscando uma escolha final diante das possibilidades indicadas na fase anterior. O fundo então desaparece momentaneamente, dando lugar à figura, que nesse momento se apresenta como o próprio self, já que é possuidora de toda a atenção presente, pois é a resposta emitida, derivada do contato, advinda da fronteira organismo/ambiente. A consequência de todo esse processo é o crescimento, ou seja, a assimilação do contato que acabou de se dar (ROBINE, 2006).

Na última fase, o pós-contato, ocorre a assimilação das informações daquilo que foi experienciado, transformada em representação e estabilizada pela função personalidade (ROBINE, 2006).

Importante se faz lembrarmos que a divisão acima foi feita somente a fins metodológicos e didáticos, uma vez que estes acontecem de maneira dinâmica e não separadamente.

O contato e suas interrupções

Ao falarmos de contato estamos falando de “contato com” (PERLS et al., 1997,p.41), pois a experiência é provinda da interação entre a fronteira organismo/ambiente, através do novo que é assimilado. Como nos diz Perls (et al., 1997, p. 44): “É na fronteira que os perigos são rejeitados, os obstáculos superados e o assimilável é selecionado e apropriado”.

Deste modo, podemos concluir que o contato é algo dinâmico, inventivo e ativo, pois está a toda hora lidando com o novo, com o inesperado, tentando assimilá-lo. Essa assimilação são ajustamentos do campo. Assim, “Todo contato é ajustamento criativo do organismo e ambiente” (PERLS et al., 1997, p. 45).

Não são a todos os eventos do meio que iremos responder. Editamos e elegemos o que vemos e ouvimos, a partir das nossas percepções e necessidades interiores. Logo, somente aquelas que despertam em nós maior interesse é que vamos experienciar e poderão nos trazer

significados (POLSTER; POLSTER 2001). Às experiências, Perls (et al. 1997, p. 41) deu nome de contato, afirmando que: “O contato é a realidade mais simples e primeira”, já que tudo que conhecemos interno ou externamente se dá a partir dele.

Perls et al., (1997, p. 32) trás que: “O organismo cresce ao assimilar do ambiente o que precisa para seu próprio crescimento”. De acordo com esta afirmação, então, somente por meio da assimilação é que o estranho nos é integrado e passa a formar um novo todo de significações, possibilitando o crescimento. O organismo saudável, portanto assimila o que necessita e rejeita o que não é assimilável (PERLS, 1988).

Se, contudo, percebermos o ambiente como nocivo a nós e a nossa singularidade, ao invés de assimilarmos o novo que surge, tentaremos de alguma forma, defendermos da influência do meio e dos outros em nós mesmos, pois nos sentiremos incapazes de encontrar e manter o equilíbrio nessa situação. A essas formas Perls et al. (1997), chama de inibição de contato. Porém, as interrupções de contato não serão sempre patológicas; podendo ser instrumentos de grande valia na busca de equilíbrio e saúde para o organismo.

Podemos falar de quatro modos de inibição do contato, comecemos pela introjeção.

Na introjeção acontecerá a interrupção do contato durante a excitação. O self irá substituir seu apetite potencial pelo de outro organismo ou até mesmo pelo do meio. Assim, por introjetar indiscriminadamente algo que não é próprio desse sujeito, este não consegue ser assimilado, permanecendo como algo dessemelhante ao organismo que o introjetou, um corpo estranho em si mesmo (PERLS, 1988).

A introjeção nos impede de reconhecer se os nossos comportamentos são de fato genuínos, ou mera imitação de outros, que de tanto repetir, acreditamos ser nossos. Assim, Perls et al., (1997, p. 254) afirma que o introjetor: “Aceitará todo ponto de vista oficial, mesmo que seja o contrário do que pensa acreditar; há até uma satisfação secundária em aniquilar anterior; está masoquistamente ansioso para ser refutado”.

No entanto, podemos perceber a introjeção agindo positivamente em processos como no de aprendizagem. A aquisição da linguagem é exemplo de como podemos nos utilizar também de forma saudável da introjeção.

Outra forma de interrupção comumente usada é a projeção. Podemos, à grosso modo, dizer que a projeção é o contrário da introjeção, ao invés de retermos conceitos do meio e tomarmos como sendo nossos, arremessamos os nossos para o meio como se fossem próprios dele (PERLS, 1988).

É comum utilizarmos dessa forma, quando lidamos com comportamentos nossos que

preferimos negar, por acharmos ofensivos ou difíceis de lidar. De tal modo, projetando, podemos nos livrar de comportamentos que nos incomodam jogando para o meio ou para o outro a responsabilidade de tê-los.

O terceiro modo de interrupção do contato é a confluência, Perls (1988, p. 51) afirma que é: “Quando o indivíduo não sente nenhuma barreira entre si e o seu meio, quando sente que ele próprio e o seu meio são um, está em confluência com este meio”.

Esse ajustamento é comumente usado em rituais onde as pessoas, através da identificação, acabam por se sentirem mais pertencentes ao grupo. Porém, a confluência pode se tornar perigosa ao se apresentar de forma excessiva. O indivíduo apresenta sem diferenciar o que é seu e o que é do meio, podendo chegar até a um estado patológico (PERLS, 1988).

Existe ainda uma quarta forma de interrupção do contato que é a retroflexão. A pessoa retroflete, volta para si a agressividade, que deveria voltar para o ambiente, ou seja, trás para si o comportamento que gostaria de ter voltado ao outro. Ao invés de canalizar suas forças a mudança do meio, o retroflexor canaliza para si mesmo, sendo ele o alvo das mudanças e não o meio (PERLS, 1988). À medida que volta para si o comportamento, se transforma ele em agente ativo e passivo do processo, acabando sendo “o seu pior inimigo” (PERLS, 1988, p. 54).

Awareness

Sobre a awareness, inicialmente, temos que entender que não se trata de uma faculdade mental, mas sim um estado (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2007). Trata-se da forma integral de experienciar, entrar em contato, pois na awareness os sistemas sensórios, motores, e psíquicos estão voltados plenamente a essa vivência. Assim, estar em awareness não é somente relembrar um fato, mas sim revivenciá-lo plenamente no “aqui- e- agora”, buscando a forma de o sujeito agir no mundo frente ao conteúdo dessa figura (PERLS et al.,1997).

Perls et al., (1997, p.33) trás que: “A awareness se caracteriza pelo contato, pelo sentir (sensação/percepção), pelo excitamento e pela formação da gestalten”. Deste modo, se não acontece a formação das gestalten não é possível ocorrer a awareness.

Não entrar em awareness não significa não entrar em contato. O contato pode sim acontecer sem a awareness, mas a awareness, necessariamente, precisará do contato para ocorrer (PERLS et al.,1997). Reafirmando esse posicionamento Müller-Granzotto; Müller-Granzotto

(2007) descrevem:

Contatar é ligar-se a algo diferente e, por conseguinte, transformar aquilo que até então vigia como nossa identidade no tempo. O fato de não entrar em awareness não significa não contatar [...] Isso não significa que toda ligação material ocorrida no organismo ou no meio implique awareness: a quebra de uma molécula na atmosfera ou a replicação de uma fita cromossômica, por exemplo, não exige awareness (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO 2007, p.177).

Aqueles processos que não demandam de nós atenção, aqueles que não precisamos mais aprender. Porque já foram assimilados não se configuram como awareness (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2007). Como explicam Polster; Polster (2001, p.214); À medida que as awareness se tornam *aceitáveis e assimiláveis*, o sujeito está livre para esquecer-las e/ou usá-las em seus comportamentos genuínos.

Metodologia

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica e o método utilizado foi o indutivo. Esse método foi escolhido por partir de dados particulares, suficientemente comprovados, e generalizá-los, pois o conteúdo estudado é maior que o alcance da pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2009). A investigação da eficácia dos contos de fadas para o trabalho clínico gestáltico consiste como a problemática principal deste trabalho e foi investigado por meio de acesso a bibliotecas físicas e virtuais, Scielo e Google Acadêmico, entre maio e agosto de 2011. Utilizaram-se também artigos e dissertações de mestradados da Universidade Federal de São Carlos e PUC/São Paulo e PUC/Campinas, bem como livros e revistas relacionados e relevantes o tema. Depois de examinar todas essas fontes, decidiu-se basear esse trabalho em três pontos relevantes, que são: 1- A Contação de História; 2- A Gestalt-Terapia; 3- A Contribuição da Contação de Histórias para a Clínica Gestáltica; sendo selecionados os trabalhos que explorassem essas linhas de pesquisa. Foram utilizados ao todo 10 livros (entre virtuais e físicos), 3 dissertações de mestrado, 1 revista e 1 artigo.

Resultados e Discussão

A contação de histórias é bastante utilizada na área da educação, principalmente quando

voltada ao público infantil (ABRAMOVICH, 1991). Prontamente, a psicologia também vem apoderando-se dessa área como instrumento dentro da prática clínica por entender que as narrativas, quando usadas da forma correta, podem favorecer, de forma eficiente e prazerosa, a construção da criatividade, reflexão e autonomia da criança (ALVES, 2007).

A forma de cada ciência utilizar-se de seus instrumentos é peculiar, e com a contação de histórias não se dá diferente, como nos explica Castelo Branco:

Se a área da Literatura tem a pretensão de preparar as crianças psicologicamente através de suas histórias infantis, a área da Psicologia poderá usufruir dessa Literatura, em sua prática, como meio auxiliar nos processos terapêuticos das crianças (CASTELO BRANCO, 2001, p. 57).

Logo, a contação de histórias é um importante instrumento de trabalho na clínica psicológica, visto que facilita a comunicação entre o terapeuta e a criança (ALVES, 2007).

Essa forma de comunicação é de suma importância na clínica gestáltica, uma vez que sua metodologia vai se deter na observação e na descrição do fenômeno vivido (ANTONY, 2010). Deste modo, Antony diz que:

Ser psicoterapeuta de crianças, então, requer um envolvimento ativo e autêntico, em que o gestaltista valoriza a comunicação genuína entre ele e a criança, honra o modo de ser e as resistências dela e se reconhece como um valioso instrumento da condução do processo terapêutico (ANTONY, 2007, p. 80).

Antony (2010, p.87-88) traz ainda que o terapeuta, dentro da clínica gestáltica infantil, deve voltar suas intervenções a três pontos fundamentais, são eles: A estimulação dos sentidos, a integração do eu-corpo e a facilitação da expressão emocional. Porém, para esse estudo abordaremos somente a estimulação dos sentidos e a facilitação da expressão emocional.

Primeiramente estimular os sentidos - o contato: Tendo em vista que a gestalt-terapia é uma abordagem compreensiva, que se desloca do conteúdo do comportamento para a forma que este aparece no momento (ANTONY, 2010).

Além disso, a autora afirma que a intervenção terapêutica deve facilitar a expressão emocional; desenvolver um trabalho a fim de ajudar a criança a reconhecer suas sensações e sentimentos, relacionando-os as partes do corpo, possibilitando assim, o acesso e expressão desses sentimentos (ANTONY, 2010).

Logo, cabe ao psicoterapeuta, utilizando-se das histórias e da forma de contá-las,

oferecer um espaço onde a criança se sinta livre para experimentar os mais diversos sentimentos e tratar de questões que na maioria das vezes são negligenciadas no diálogo com a mesma, sendo capaz de descobrir-se com seus supostos defeitos e qualidades (ALVES, 2007), reafirmado o papel da contação como recurso facilitador da expressão emocional e da awareness.

Uma das formas de intervenção, favorecida pela contação de histórias é a projeção. Utilizando-se desta, as crianças conseguem sentirem-se livres para trabalhar suas questões, e tem a oportunidade de transportar-se para o conto, conseguindo assim, a distância necessária da situação real vivida, e podendo trabalhar com a mesma somente a partir do simbólico. Ela pode experienciar uma gama de sentimentos, como também passear pelas mais diversas situações, sejam estas conflituosas ou não como descreve Brito (2000, p. 40): “Por serem narrativas orientadas para o futuro, a criança ao projetar-se em seu mundo, acaba se colocando no lugar do personagem central e, com ele, acompanhando todos os rituais de crescimento”.

A projeção de sentimentos e ideias auxiliará também na facilitação de questionamentos, já que esta dá forma aos desejos e pretensões da criança. Facilitará a comunicação desses desejos, já que não precisam colocar-se verbalmente, podendo expressar-se através do brincar, que é sua forma de comunicação habitual.

Além da projeção, a contação de histórias também irá facilitar a introjeção saudável. Esta acontece a partir da identificação com os personagens dos contos. Nestes, os personagens apontam soluções para as problemáticas vivenciadas, ou pelo menos, os ajudam a entender melhor o que se passa com eles mesmos, ainda que nem mesmo saibam expressar. De tal modo Alves (2007, p. 55) nos diz que: “As técnicas narrativas evidenciam, enfim, a forma como a criança incorpora estes significados no seu plano de ação emocional”.

É também, através da introjeção, que as crianças prontamente conseguem vivenciar novas situações ou reverenciarem situações importantes de sua vida, trazendo para o mundo real aprendizagens derivadas dessas experiências, assim facilitando a awareness, ou seja, o reverenciar de um fato aqui e agora, buscando entender a forma de o sujeito agir no mundo, frente ao conteúdo das gestalten que emergem (PERLS et al., 1997).

Contudo, Perls (1988) nos chama atenção para os perigos da introjeção. Primeiramente porque enquanto introjetamos podemos deixar de desenvolver nossa própria personalidade, nos preenchendo de conceitos que não são nossos, como se assim o fossem. E depois, porque esta pode contribuir para a desintegração da personalidade, pois se tenta integrar conceitos externos aos seus, traçando-se assim uma briga interna na tentativa de conciliá-los.

A contação de histórias ainda favorecerá também o sentimento de pertença da criança. Pois, ao lerem sobre histórias com problemáticas iguais ou semelhantes as suas não se sentem tão sós ou diferentes, mas sim, pertencentes ao meio (CASTELO BRANCO, 2001). De tal modo, estão se utilizando de confluência que Perls (1988, p. 51) nos diz ser: “Quando o indivíduo não sente nenhuma barreira entre si e seu meio, quando sente que ele e próprio e o meio são um”.

Pode-se se afirmar então, que a contação de história une o mundo da realidade simbólica com o mundo da realidade objetiva, criando um elo, de tal modo que os conteúdos emergentes em um dos dois interferem diretamente no outro, sem, no entanto, confundi-los. Sendo assim, um instrumento de grande valia na clínica gestáltica infantil.

Considerações finais

Grande parte das referências utilizadas concorda que a contação de histórias é um método importante no trabalho com crianças, sendo uma grande aliada no auxílio a comunicação com os mesmos, bem como no descobrimento do mundo que as rodeiam.

Através da contação de histórias e da identificação com os personagens, as crianças podem experienciar, por exemplo, sentimentos de pertença e de igualdade, que talvez não sejam vivenciados em outros contextos.

Outro papel importante da contação é o de facilitar a comunicação infantil. As crianças não precisam se colocar verbalmente, conseguindo expressarem-se somente pelo brincar, que é sua linguagem natural.

O que nos leva a crer que, através da contação, as crianças podem se expressar livremente, assim como também, poderem experienciar os mais diversos sentimentos, como raiva, dor, entre outros, sem serem punidas por isso.

Logo, as histórias conseguem dar formas ao seu desejo, proporcionando um espaço adequado, onde podem lidar com suas questões mais delicadas podendo negociar e ressignificar seus sentidos. De tal modo, a contação de histórias tem muito a contribuir com a clínica gestáltica infantil, já que esta tem por metodologia se deter na observação e na descrição do fenômeno vivido, enquanto a contação de histórias propicia a experimentação desse fenômeno de forma autêntica.

Por fim, considera-se essencial, mais estudos que voltem sua temática para o

entendimento dos efeitos da contação de história, bem como para a importância da utilização desta para a clínica psicológica infantil, mais especificamente na abordagem gestáltica.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

ALVES, Heliana Castro, **Utilização de contos de fadas e atividades simbólicas na compreensão de crianças vítimas de violência**. Dissertação de mestrado- no prelo, Universidade Federal de São Carlos, 2007. Disponível em: <http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/9/TDE-2008-01-09T08:57:59Z-1703/Publico/1639.pdf> Acesso em: 20 jun. 2011, 15:50.

ALVES, Heliana Castro; EMMEL, Maria Luisa Guillaumon. **Abordagem bioecológica e narrativas orais: Um estudo com crianças vitimizadas**. São Paulo, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/paideia>. Acesso em: 20 jun. 2011, 14:32.

ANTONY, Sheila. Um caminho terapêutico na clínica gestáltica com crianças in. ANTONY, Sheila (org.). **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16 ed. Paz e Terra, 2002. Disponível em: <www.fiseb.com/zzz/bruno-bettelhein-a-psicanalise-dos-contos-de-fadas.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2011, 13:46.

BRITO, Carlos Alberto. **Ressignificando o uso do conto de fadas na clínica com crianças: do símbolo ao significante**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica-PUC São Paulo, 2000.

CASTELO BRANCO, Taciane Marques. **Histórias Infantis na Ludoterapia Centrada na Pessoa**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica-PUC Campinas, 2001. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?q=taciane+marques+castelo+branco&hl=pt-R&btnG=Pesquisa+r&lr>>. Acesso em: 21 jun. 2011, 17:30.

CORSO, Mário; CORSO, Diana Lichtenstein. Brincadeira de palavras. In. **Revista mente e cérebro**. São Paulo, Nº 197. Ano XVI. p. 46-51, jun. 2009.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **GESTALT: Uma terapia do contato**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José ; MÜLLER-GRANZOTTO, Rosane Lorena.

Fenomenologia e Gestalt-terapia. 2 ed. São Paulo: Summus Editotial, 1991.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

PERLS, Frederick. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia.** 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

POLSTER, Erving; POLSTER Miriam; [Tradução de Sonia Augusto]. **Gestalt-terapia integrada.** São Paulo: Summus Editorial, 2001.

ROBINE, Jean-Marie. **O Self desdobrado:** perspectiva de campo em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

Recebido: 03/06/2017

Aceito: 30/07/2017